

## **Projeto de Pesquisa**

### ***La Majorité Opprimée: uma análise bakhtiniana do machismo de cada dia***

*Bárbara Melissa Santana*

**Orientação:** Luciane de Paula

#### **Introdução e Justificativa**

A relação entre os gêneros feminino e masculino apresenta-se, no decorrer dos séculos, como aspecto de discussão polêmica significativo nas variadas sociedades e configurações culturais ao redor do mundo, ao longo do tempo. Os gêneros, contextualizados entre os dogmas patriarcais que delineiam as civilizações, servem de temática sobre a qual há a necessidade de estudos e discussões aprofundados.

Ao observar as transformações sociais ocorridas ao longo do tempo, nota-se um quadro de alienação no que diz respeito aos valores arcaicos que definem as relações entre os gêneros. Verifica-se, mediante o discurso midiático, familiar e educacional, entre outros, que a imagem feminina se mantém relacionada ao ambiente doméstico, assim como à satisfação de desejos sexuais masculinos. Esse quadro revela a condição submissa da mulher em uma sociedade contemporânea que alega defender a justiça e a igualdade entre gêneros, porém considera natural a disparidade entre os salários de homens e mulheres, condenando-as por comportamentos não esperados ou mesmo pela aparente liberdade sobre seus corpos.

A mencionada liberdade e autonomia que se diz conferir socialmente ao gênero feminino nos dias de hoje se choca com aspectos díspares manifestados cotidianamente, estatizados pelo discurso patriarcal ainda vigente.

Mesmo hoje a mulher tendo direito de se expressar, trabalhar e atuar em esferas em que outrora não poderia, convivemos com uma liberdade superficial, pois prevalece a cobrança social de que a mulher seja comportada, case, tenha filhos, cuide e satisfaça sua família. Essa cobrança é imposta de forma “naturalizada”, provocando a falsa sensação de que a escolha é pessoal e não imposição, fruto de uma cobrança incutida no cerne de nossa sociedade, que renova e agrava a cada dia o “fardo” de ser mulher.

A configuração dos papéis atribuídos aos gêneros masculinos e femininos manteve-se alicerçada em um padrão educacional reproduzido sobre sólida base patriarcal. Em meio a tais preocupações, o século XXI pode ser percebido como cenário de protestos e incessantes tentativas de desligamento de valores segregacionistas por meio dos quais se consolida a disseminação de novas perspectivas e a crítica às regras do sistema vigente. A imposição da conduta aceitável à mulher pode ser observada como uma convenção social que embasa o pensamento contemporâneo. O modelo familiar patriarcal em que a imagem feminina ocupa o espaço de submissão ao gênero masculino, suscetível ao poder machista em situações cotidianas e triviais ainda vigora.

Mesmo sabendo que existem tentativas de neutralização de tais discrepâncias, nota-se que tais vestígios incorporam uma trajetória enraizada que permanece dominante na educação contemporânea. Os papéis femininos e masculinos se conservam e ainda possuem um eco de “diferença”. Ao homem, associa-se a ideia de um ser movido e absorvido por desejos sexuais, pela “liberdade” de seu corpo, pai de família que “tem” uma mulher, alguém que tem direito a ter vida social com os amigos (sair para beber e jogar); enquanto a mulher mantém-se no trabalho e no lar, devendo

cumprir seus afazeres maternos junto aos filhos, domésticos e sexuais do homem (não de si mesma), com tripla jornada diária e falta total de tempo para cuidar de si; essas são as imagens canônicas e as vozes comuns sobre as funções dos gêneros masculino e feminino e seus papéis sociais, segundo pesquisas da área, voltadas aos papéis sociais femininos e masculinos na sociedade contemporânea.

Cabe realçar casos de situações de assédio em que o discurso machista infere à mulher a culpa pelo comportamento masculino. No modelo patriarcal vigente, esse tipo de acusação é atribuído à mulher, pois, por essa perspectiva tradicional, a exibição do corpo ao se vestir com roupas curtas, por exemplo, é tomada como uma provocação ao desejo alheio e, assim, considera-se que a mulher incita a circunstância de assédio.

O discurso *non sense* diz que a mulher tem liberdade para fazer de seu corpo o que bem entender, porém, se ela demonstra incômodo diante de uma situação de assédio, se ela recusa o desejo “por ela despertado” no outro, pode ser ofendida ou designada com palavreado de baixo calão. Podemos considerar esse comportamento como um forte aspecto da educação de natureza patriarcal, pois se alicerça sobre o pressuposto de que ao gênero masculino cabe a função de investir, seja da maneira que for, em sua sexualidade, enquanto a mulher deve receber a investida passivamente e se submeter a ela, inclusive, sentindo-se “lisonjeada” por tal fato, pois tais comportamentos tidos como aceitáveis e representativos da virilidade masculina e da passividade e submissão feminina. Ressaltamos que o discurso machista não provém apenas do gênero masculino, pois ressoa também na voz feminina.

Lidamos com um discurso opressor, que tem como alvo a repressão do gênero feminino, e ecoa nas mais diversas esferas e em ambos os gêneros. A naturalização das manifestações machistas em relação ao gênero feminino, imposta pelos parâmetros

patriarcais que compõem axiologicamente a sociedade, é reverberada pelo próprio oprimido, enunciando-se mesmo na voz feminina.

Ao considerar estatísticas que demonstram o aumento significativo de estupros sofridos por mulheres, já se pode pensar acerca da “liberdade” masculina e “não-liberdade” feminina (que explicita uma bandeira oposta, enfatizando conquistas inegáveis no âmbito do trabalho, por exemplo, mas sem contestar a disposição das relações de escolha da mulher – o direito a dizer não, a se vestir e se comportar como quiser etc), aspectos sociais que estigmatizam a diferença entre os gêneros.

Butler (2010) evidencia a construção cultural, social e histórica das categorias de gêneros nas diferentes configurações culturais como um resultado performático das inferências ideológicas sobre o indivíduo e sua identidade. Sob essa perspectiva, vemos as composições denominadas como “homem” e “mulher” como uma consequência cultural construída socialmente e não pré-determinada pelo sexo: “Como fenômeno inconstante e contextual, o gênero não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes.” (2010, p. 29). A partir dessa teoria das construções de gênero, torna-se possível inferir que os papéis masculinos e femininos e as relações de divergência, superioridade/ inferioridade na sociedade contemporânea são uma ordenação social calcada no patriarcado e delineada por uma idiosincrasia machista que demarca o sistema ao longo da história.

No intento de realçar tais relações entre os gêneros no complexo social e criticar as bases do patriarcado ainda reticente na contemporaneidade, aparece o curta metragem francês *La majorité opprimée*<sup>1</sup>, dirigido por Eleonore Pourriat. Filme, que expõe as relações de gênero invertidas: os homens ocupam o papel feminino e as mulheres se

---

<sup>1</sup> Link de acesso ao filme: <https://www.youtube.com/watch?v=bHJqNpJ8xAQ>

apropriam do papel masculino, de maneira tão hierárquica e opressora quanto o contrário hegemônico existente. O curta choca pela ironia e pela crítica flagrantes, tendo sido considerado polêmico e acessado pelo mundo todo em 2014 (um fenômeno de circulação no *Youtube*), ainda que sua produção seja de 2009.

No curta metragem, na troca de papel entre os gêneros, o homem leva o bebê para passear, pega as cartas na caixa do correio, é alvo de olhares de desejos indiscretos, assim como vítima de uma tentativa de estupro ao reagir a um grupo de mulheres que o assediam em lugar ermo. À mulher cabe o papel oposto. No filme, ela aborda os homens com frases e expressões de baixo calão, com gestos obscenos e comentários desrespeitosos em plena luz do dia, assim como direciona olhares indesejados, domina verbal e fisicamente a situação, impondo o modo de se vestir, lugares e comportamentos ao homem. O quadro revela a discrepância entre os papéis desempenhados no dia a dia e realça a opressão sofrida pelos homens quando assumem os lugares das mulheres. Com a troca de lugar há a inversão axiológica e a crítica se torna flagrante para os homens que alegam nada ver de estranho nas relações estigmatizadas socialmente.

O discurso de inversão dos papéis infere a crítica em relação ao espaço dos gêneros na sociedade contemporânea. Ao impor ao homem a condição de vulnerabilidade condicionada comumente à mulher, o filme salienta experiências que usualmente a oprimem e a tornam menor. A partir da inversão, torna-se clara a verificação de que fatos geralmente tomados como “normais” representam a desigualdade condicionada à condição de cada “sexo”, bem como de seus papéis e produzem um sistema em que homens e mulheres, como “peças” “diferentes”, ocupam lugares de categorização injusta, tomada como “natural”.

Pesquisar a inversão das relações de gênero na obra fílmica, tomada como representação de uma vivência, como forma de crítica ao patriarcado, assim como a

relação dos aspectos denunciados no filme com acontecimentos da sociedade contemporânea é a proposta deste projeto.

A base para delimitação do *corpus* de pesquisa foi a expressão crítica da obra, assim como a polêmica gerada sobre o tema, a partir do filme, nas páginas do *Youtube*, em 2014. Em razão de tais aspectos concernentes à obra, impõe-se a análise das relações dialógicas introduzidas pelo discurso de inversão, em que se verifica o caráter ideológico conferido às funções de masculino e feminino empreendidas no discurso cinematográfico e no contexto social.

O tom patriarcal que define a identidade feminina no século XXI aparece como fator inerente à reprodução da educação e de padrões arcaicos que condicionam a mulher ao espaço doméstico e ao lugar de inferioridade em relação ao homem. Para Bourdieu (1999, pg. 122), a estrutura social da relação entre os gêneros apresenta como base uma relação de poder oriunda de princípios culturais, sócio-ideológicos e históricos. Consoante às palavras desse autor, mediante tais fatores se instauram os parâmetros de desigualdade entre os gêneros. A diferença crucial entre o homem e a mulher não se restringe e tampouco parte do sexo, mas das construções discursivas manifestadas socialmente em relação a esses sujeitos. Segundo Bourdieu,

“Assim, uma apreensão verdadeiramente *relacional* da relação de dominação entre homens e mulheres, tal como ela se estabelece *em todos os espaços e subespaços sociais*, isto é, não só na família, mas também no universo escolar e no mundo do trabalho, no universo burocrático e no campo da mídia, leva a deixar em pedaços a imagem fantasiosa do “eterno feminino”, para fazer ver melhor a permanência da estrutura de relação de dominação entre homens e mulheres, que se mantém acima das diferenças substanciais de condição, ligadas aos momentos da história e às posições no espaço social (...) - os gêneros, longe de serem simples “papéis” com que se poderia jogar à vontade, estão inscritos nos corpos e em todo um universo do qual extraem sua força.” (1999, p.122)

A partir da proposta de análise apresentada neste projeto e do acompanhamento de estudos e pesquisas acerca das relações de gêneros, acreditamos que o estudo das

mesmas se apresenta como necessário e essencial para a compreensão de determinados fenômenos sociais, assim como relevante para o entendimento dos meios que sustentam e consolidam a estratificação da desigualdade (incutida como “igualdade”) na mídia e nas diversas esferas sociais, de maneira naturalizada.

A proposta de pesquisa se justifica, portanto, por se aprofundar no debate de questões atuais como a opressão patriarcal, vista como um fenômeno “inexistente” e “ultrapassado”. A inversão de tal ordem focaliza a desestruturação verificada em diversas esferas sociais por séculos. A análise de tal discurso, a partir e por meio da análise do *corpus* de pesquisa, mostra-se, portanto, pertinente e precisa, já que representa contribuição aos estudos da área e reflexão crítica às bases contraditórias do sistema que permeia ideológica e sucessivamente diversas gerações.

Ademais, as reações de estranhamento ao lançamento do curta metragem em *blogs* e comentários do *Youtube*, assim como a crítica nele expressa, consolidam aspecto significativo de análise, já que demonstram a firmeza com que os sujeitos notam os papéis feminino e masculino na sociedade, o que reafirma a importância dos estudos da área na constituição discursiva dos gêneros no campo social.

Ao considerarmos a produção francesa de Eleonore Pourriat como ponto de partida para reflexão de tal questão, verificamos a configuração de uma arena em que se empreende o embate de vozes sociais que incorporam e interpretam percepções sociais da imagem de feminino e masculino de cunho diferente, ou seja, ao explicitar a crítica aos espaços e aos atos feminino e masculino em forma de inversão das funções conferidas aos sexos, a autora expõe os limites e restrições vividas pela personagem central (masculina) de modo “natural”, aceitável, o que confirma o quadro usual existente, em que o homem atua como patriarca.

A hipótese da pesquisa proposta é de que a imposição da inversão dos papéis dos “sexos” no curta metragem *La majorité opprimé* introduz uma crítica ao sistema, fundamentada nas imagens de homem e mulher na sociedade. Tal elemento de análise propõe o estudo do quadro atual de desnível entre gêneros e o confronto existente e denunciado no filme. Como exemplo, tomamos os fotogramas<sup>2</sup> 1 e 2, que demonstram o comportamento da esposa, após o homem sofrer uma tentativa de estupro em plena luz do dia por um grupo de moças. A mulher o condena por seu comportamento “provocador”, por usar roupa curta (típico discurso machista que assim argumenta ao tentar justificar atos desumanos, como casos de estupro – o que já fora flagrado em diversos filmes, como em *Acusados*, de 1988, por exemplo):



Figura 1

Figura 2

Ao partir do pressuposto de que a pesquisa e a academia empenham-se no estudo de enunciados culturais, sócio históricos e ideológicos característicos, este projeto apresenta a proposta de pesquisar e interrogar como a desigualdade dos gêneros (masculino e feminino) é introduzida e denunciada na mencionada produção francesa, com o intuito de compreender tal fenômeno social, refletido e refratado no enunciado estético-cultural. Reafirma-se, portanto, que tal pesquisa possa colaborar com a área dos

---

<sup>2</sup> Apesar de os fotogramas não serem a melhor maneira de se apresentar uma sequência de cenas em movimento, no trabalho acadêmico não foi encontrada outra maneira de ilustrar a análise de vídeos. Por isso, utiliza-se esse recurso nesta pesquisa. Técnicas voltadas à linguagem cinematográfica (uso da câmara, iluminação, encenação, figurino etc) serão usadas sempre que necessário e têm sido estudadas.

estudos culturais, sociais e discursivos, além de atuar como um meio de reflexão e debate acerca dos valores patriarcais incutidos na concepção de cada gênero.

## **Objetivos**

Os objetivos da pesquisa apresentada podem ser divididos em geral e específicos, conforme seguem:

### *Objetivo Geral*

Refletir dialogicamente acerca da constituição discursiva do curta metragem *La majorité opprimée* no que diz respeito à crítica irônica (construída por meio de inversão de sujeitos e valores) expressa no enunciado, visto como “reflexo e refração” de identidades e imagens de gêneros na sociedade contemporânea.

### *Objetivos Específicos*

- Refletir acerca dos aspectos ideológicos empreendidos no filme e a forma como tais aspectos atuam no cenário social;
- Discutir as polêmicas geradas a partir do filme e as razões sócio ideológicas que permeiam essa discussão;
- Compreender a constituição dos valores de identidades dos gêneros como elementos da configuração de sujeitos responsivo e responsável.

## Fundamentação Teórica

A presente pesquisa apresenta como perspectiva teórica os estudos do Círculo de Bakhtin e pesquisadores que estudam sua filosofia da linguagem (como B. Brait, C. A. Faraco, A. Sobral, A. Ponzio, C. Brandist, J. L. Fiorin, R. Rojo, L. de Paula, I. Machado, R. Marchezan, B. Vauthier, M. Amorim<sup>3</sup>, entre outros). Os estudos bakhtinianos caracterizam-se por seu caráter dialógico, como é possível verificar no seguinte trecho de *Os gêneros do discurso* (2010):

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos do passado, isto é, nascidos do diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro, do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo, existem, massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação (BAKHTIN, 2011, p. 410).

Ao considerar o caráter dialógico presente na questão abordada pelo *corpus* de pesquisa, mostra-se pertinente a utilização da teoria bakhtiniana como fundamentação teórica da proposta apresentada, já que por ela se torna possível o estudo do gênero discursivo (filme, no caso da pesquisa proposta), tal qual concebido pelo Círculo: “não é espécie nem tampouco modalidade de composição; é dispositivo de organização, armazenamento, transmissão e, sobretudo, de criação de mensagens em contextos culturais específicos” (BAKHTIN, 2005, p. 158). O gênero filme deve, portanto, ser abordado como uma manifestação ou uma produção arraigada aos valores sociais,

---

<sup>3</sup> As análises bakhtinianas de filmes publicadas por Marília Amorim, tanto quanto as de Stam e ainda a pesquisa de Paula sobre o verbivocovisual e as publicações do grupo de Brait sobre o verbo-visual, servirão, de maneira particular, como subsídio para vermos bons exemplos de como trabalhar com esse gênero discursivo. Apesar de não incorporados neste projeto, os textos dos autores supramencionados têm sido estudados e farão parte da pesquisa de maneira ímpar.

históricos e culturais que delineiam sua existência, ou seja, os aspectos ideológicos que contextualizam o espaço-tempo de uma produção funcionam como agentes determinantes e primordiais, que constroem e dão sentido ao discurso, como se compreende pelas palavras de Irene Machado (2005, p. 159):

“Os gêneros surgem dentro de algumas tradições com as quais se relacionam de algum modo, permitindo a reconstrução da imagem espaço-temporal da representação estética que orienta o uso da linguagem ‘o gênero vive do presente mas recorda o seu passado, o seu começo’, afirma Bakhtin”.

Os enunciados são, para o Círculo, a concretização da língua pelos sujeitos nas variadas esferas da sociedade. A construção composicional do enunciado (seu conteúdo, forma e estilo), assim como a reflexão e a refração de determinadas valorações no signo dependem do campo de utilização da língua e do local enunciativo, pois cada esfera de concretização da língua apresenta, conforme Bakhtin, “tipos relativamente estáveis de enunciado” (2011, p. 272). Os enunciados provenientes dos diversos campos de utilização da língua estão sempre em diálogo e confronto com determinados valores e ideologias de outros enunciados, o que estabelece um processo contínuo e multidirecional em que valores são cruzados e interseptados por outros valores, como uma arena social viva e ativa. Bakhtin aborda a potencialidade dialógica do enunciado em *Os gêneros do discurso* ao afirmar que:

(...) todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns enunciados antecedentes – dos seus e alheios – com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações (baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe já conhecidos do ouvinte). (BAKHTIN, 2011, p. 272)

Se pela perspectiva bakhtiniana, o gênero discursivo é concebido como uma manifestação fundamentada sobre um legado cultural e social, cabe colocar em

evidência os aspectos ideológicos que determinam períodos na história e condicionam os parâmetros sociais que regem o pensamento individual. Assim, a condição patriarcal da sociedade exteriorizada na produção francesa elencada como *corpus* de pesquisa é aqui observada como um fato situado em um espaço-tempo cultural, demarcado pelas referências de pensamento que condiciona seu momento, observado também como resultante das relações de alteridade, construída e reformulada no diálogo com o outro. O termo “outro”, aqui, deve ser atribuído à própria sociedade, tomada como sujeito responsivo e responsável, como agente de determinado modelo de pensamento, que assume um posicionamento irreversivelmente seu.

Esse caráter dialógico do discurso pode ser concebido como a condição de existência e sentido dele próprio e se relaciona às identidades individuais, à identidade cultural de um povo e ao complexo social, ou seja, a elementos configurados dialogicamente mediante as relações de alteridade estabelecidas circunstancialmente. Essa configuração dialógica pode ser compreendida como a relação existente entre o eu e o outro. “(...) o dialogismo, característica essencial da linguagem e princípio constitutivo, muitas vezes mascarado, de todo discurso.” (BARROS, 1999, p. 2).

Pela perspectiva dialógica, a linguagem, interseptada por múltiplos discursos, é o elemento que se estabelece como uma ponte entre o *eu* e o *outro*. Nessa relação, os sujeitos se compõem a partir e por meio de *outros*, visto que *outro* não se restringe a um dado indivíduo, mas a discursos alheios já proferidos ou ainda por vir e a circunstâncias que dão forma à vida, como se pode inferir a partir das palavras de Brait: “O dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o *eu* e o *outro* nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos, que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos” (2001, pág. 98)

Para Bakhtin, na palavra do sujeito deve-se considerar a essência ideológica oriunda de um extrato superior. O conteúdo subjetivo e individual do discurso do sujeito se alicerça sobre um prisma delineado a partir da concepção objetiva e social de dada esfera. O sujeito se apropria dos fios ideológicos constituintes do mundo que o rodeia e se constrói mediante seu próprio discurso, em razão da linguagem, dialogicamente. Assim, o discurso patriarcal se estabeleceu como um fato social delineado pelas relações de alteridade entre extratos superiores e inferiores, contextualizado e reproduzido em determinados períodos históricos, existente e enraizado nas bases da sociedade como um aspecto ideológico. O discurso de inversão apresentado pelo curta *La majorité opprimé* se configura como uma perspectiva contrária ao modelo patriarcal padrão incutido no extrato social e revela uma outra faceta, uma contra-ideologia, inversa à ideologia hegemônica consolidada.

As relações que formam, deformam, reformam e transformam o discurso são elaboradas em interação, pois se ligam, contradizem, concordam e discordam entre si, tecidas por fios ideológicos e inferências históricas e sociais. As múltiplas vozes que ecoam, ressoam e reverberam no enunciado definem o sujeito. Do ponto em que se contextualiza, o sujeito é convocado a pensar o que pensa, pois as circunstâncias que delineiam o cenário à sua volta, seu tempo e seu lugar, são fatores de seu pensamento, não havendo dimensão aleatória a tudo que o cerca e que lhe possibilita pensar qualquer coisa a qualquer modo, visto que é constituído pela linguagem e esta é ideológica. Nas palavras de Brait, “O meio social envolve, então, por completo o indivíduo. O sujeito é uma função das forças sociais. O eu individualizado e biográfico é quebrado pela função do *outro social*.” (2005, p. 175). Por isso, fundamentamos esta pesquisa, para alcançarmos os objetivos propostos, na Análise Dialógica do Discurso.

## **Metodologia**

A pesquisa proposta se caracteriza como qualitativa e possui um caráter descritivo, analítico e interpretativo. Ela será composta por etapas que se fundamentam no texto e o consideram no âmbito de sua mobilização, por meio do discurso, em consonância com a metodologia utilizada no projeto de pesquisa de Paula (2010).

As três etapas da pesquisa ocorrerão dialogicamente, ainda que enfatizem um momento de descrição, um analítico e um interpretativo. A etapa interpretativa é considerada como sintetização do exame bakhtiniano do discurso, já que, por meio dela, é possível demonstrar como a concepção da especificidade da abordagem bakhtiniana (dialógica) a torna distinta de outras propostas.

A abordagem do *corpus* se baseia nas concepções de gênero (estilo, forma e conteúdo), sujeito, diálogo, enunciado e ideologia, do Círculo de Bakhtin.

O *corpus* delimitado da pesquisa é o curta metragem *La majorité opprimée*. Comentários em redes sociais serão coletados, assim como outros enunciados, de gêneros diversos, que utilizarem a mesma estratégia de inversão, apenas a fim de ilustrar, por cotejo, a crítica proferida pelo curta. Essa não será a tônica da pesquisa, mas, em especial, no momento de contextualização, adentrará o trabalho como forma de colaboração para a compreensão da composição arquitetônica do enunciado fílmico.

## **Plano de Trabalho e Cronograma de execução**

O plano de trabalho deste projeto será desenvolvido em 16 meses (de novembro de 2015 a fevereiro de 2017) e será desenvolvido em dois (2) semestres e quatro (4) meses, com as seguintes atividades:

- Novembro de 2015 – Abril de 2016: Embasamento teórico, análise do *corpus*, análise contextual, coleta de material de cotejo, cumprimento de créditos e início da construção da escrita da dissertação;
- Maio de 2016 – Outubro de 2016: Embasamento teórico, interpretação do *corpus*, primeiros resultados parciais da pesquisa, escrita substancial da dissertação e exame de qualificação;
- Novembro de 2016 – Fevereiro de 2017: Finalização da análise do *corpus*, análise dos resultados, elaboração definitiva da dissertação e defesa.

O primeiro semestre do mestrado já foi realizado e as atividades propostas para este período foram efetivamente cumpridas: cumprimento de parte dos créditos em disciplinas e em eventos, fundamentação teórica iniciada e primeiras descrições analíticas do *corpus* em andamento.

Os encontros de orientação serão mensais e a continuação da participação em reuniões do GED - Grupo de Estudos Discursivos serão semanais.

A proponente se compromete a participar, com apresentação de trabalho de, pelo menos, quatro (4) eventos expressivos da área<sup>4</sup> no decorrer de cada ano do desenvolvimento da pesquisa, bem como se compromete a apresentar os resultados da

---

<sup>4</sup> No primeiro semestre, a proponente participou, com apresentação de trabalho, do GEL e do SELL. No segundo semestre de 2015, já apresentou trabalho no CIAD e irá se apresentar no SELIN e no EEBA.

pesquisa em forma de, ao menos, duas (2) publicações de artigos em periódicos indexados da área ou de capítulos de livros<sup>5</sup>, por ano.

Para a melhor visualização do plano de trabalho apresentado, segue o cronograma de execução, em que se verifica a fundamentação teórica e a análise do *corpus* como atividades a serem desenvolvidas no decorrer de todo o processo, de forma dialógica:

<b>Etapas</b>	<b>1º Semestre</b>	<b>2º Semestre</b>	<b>Nov 2016 – Fev 2017</b>
Créditos em disciplinas	X	X	X
Fundamentação teórica	X	X	X
Pesquisa histórica	X	X	
Análise do <i>corpus</i>	X	X	X
Elaboração da dissertação	X	X	X
Créditos em eventos	X	X	X
Publicações	X	X	X
Qualificação		X	
Defesa da dissertação			X
Reuniões do GED	X	X	X
Reuniões de Orientação	X	X	X

### **Referências Bibliográficas<sup>6</sup>**

AMORIM, M. *O pesquisador e seu outro*. São Paulo: Musa, 2004.

AUMONT, J. et al. *A estética do filme*. Campinas: Papirus, 1995.

BAKHTIN, M. M. (VOLOCHINOV) (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1992.

BAKHTIN, M. M. (MEDVEDEV). *El método formal en los estudios literarios*. Madrid: Alianza, 1994.

---

<sup>5</sup> Em 2015, a aluna submeteu um capítulo de livro e um artigo para periódico indexado, bem como se encontra elaborando outro artigo a ser submetido para possível publicação em 2016.

<sup>6</sup> A bibliografia apresentada será ampliada no decorrer da pesquisa.

- BAKHTIN, M. M. (1929). *Problemas da Poética de Dostoievski*. São Paulo: Forense, 1997.
- \_\_\_\_\_. (1992). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_. (1992). Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_. (1975). *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: UNESP, 1993.
- \_\_\_\_\_. *Freudismo*. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.
- BARROS, D.L.P.; FIORIN, J.L. *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade: Em torno de Bakhtin*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- BERENI, L.; CHAUVIN, S.; JAUNAIT, A.; REVILLARD, A. *Introduction aux Gender Studies*. Bruxelas : De Boeck, 2008.
- BOURDIEU, Pierre (1999). *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 2001.
- \_\_\_\_\_. Introdução. Alguns pilares da arquitetura bakhtiniana. In BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin: Outros Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2007.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Bakhtin – Dialogismo e Polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Estudos enunciativos no Brasil: histórias e perspectivas*. Campinas: Pontes, 2001.
- BROWN, J. A. C. *Técnicas de persuasão: da propaganda à lavagem cerebral*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971.
- BUTLER, J. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

- CALEFATO, P.; PONZIO, A.; PETRILLI, S. *Fundamentos de Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Vozes, 2007.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DUBOIS, J. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- CALEFATO, P.; PONZIO, A.; PETRILLI, S. *Fundamentos de Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Vozes, 2007.
- CLARK, K.; HOLQUIST, M. *Mikhail Bakhtin*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- COELHO, Teixeira. *O que é indústria cultural*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- CORACINI, Maria José. *Discurso, sujeito e subjetividade*. In: SANTOS, João Bosco Cabral dos (org.). *Sujeito e subjetividade: discursividades contemporâneas*. Uberlândia: EDUFU, 2009.
- DUBOIS, J. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin*. Curitiba: Criar, 2003.
- FIORIN, J. L. *Elementos de Análise do Discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Em busca dos sentidos – Estudos Discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.
- MACHADO, I. Gêneros Discursivos. In: BRAIT, B. (Org.) *Bakhtin: Conceitos Chave*. São Paulo- SP: Editora Contexto, 2005.
- PAULA, L. de. *A intergenericidade da canção*. Pesquisa trienal de 2011 a 2013. Assis-SP: UNESP, 2013 (sem publicação, mimeo).
- \_\_\_\_\_. Análise Dialógica de Discursos verbo-voco-visuais. Pesquisa trienal de 2014 a 2016, em andamento. Assis-SP: UNESP, 2015 (sem publicação, mimeo).
- \_\_\_\_\_. Círculo de Bakhtin: uma Análise Dialógica de Discurso. *RELIN – Revista de Estudos da Linguagem*. V. 21, n. 1. Belo Horizonte (MG): UFMG, 2013, p. 239-258.

PAULA, L.; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. O marxismo no/do Círculo de Bakhtin. *Slovo: O Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos*. Curitiba: Appris, 2011, v.1, p. 79-98.

PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs.). “Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável”. Volume 1. *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2010.

\_\_\_\_\_. “Círculo de Bakhtin – diálogos in possíveis”. Volume 2. *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

\_\_\_\_\_. (Orgs.). “Círculo de Bakhtin: pensamento interacional”. Volume 3. *Série Bakhtin – Inclassificável*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2013.

\_\_\_\_\_. “Discursos em Perspectiva – humanidades dialógicas”. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014.

PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. São Paulo: Contexto, 2008.

REED, Evelyn. *Sexo contra sexo ou classe contra classe*. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.

SOBRAL, A. U. *Elementos sobre a formação de gêneros discursivos: a fase “parasitária” de uma vertente do gênero de auto-ajuda*. Tese de Doutorado. São Paulo: LAEL/PUC-SP, 2006. (Mimeo).

STAM, R. *Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa*. Tradução de Heloísa Jahn. São Paulo: Ática, 1992 (Série Temas, Vol. 20).

TOLEDO, Cecília. *Mulheres: o gênero nos une, a classe nos divide*. In. *Marxismo Vivo*, nº 2. São Paulo. Sundermann, 2001.

WOOLF, V. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2013.